

**AONDE, ADVÉRBIO DE LUGAR – AONDE
UM ESTUDO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO AONDE
NA BAHIA**

Dayb Manuela Oliveira dos Santos (UEFS)

daybmanuela@yahoo.com.br

Evani Rodrigues (UEFS)

eva_prodrigues@hotmail.com

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

josanemoreira@aol.com

Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS)

normalfalmeida@ig.com.br

1. Apresentação

O presente trabalho analisou o uso da palavra *aonde* e os sentidos estabelecidos por seus usuários. A análise foi feita a partir de dados oriundos da observação de falas dos baianos. A dinâmica utilizada para a sua realização se enquadra numa abordagem de reconhecimento da linguagem como uma construção baseada no uso, destacando-se aqui especificamente o item lexical *aonde*, na perspectiva dos estudos de gramaticalização. Foram fundamentais para a realização deste trabalho autores como Svorou (1993); Lakoff e Johnson (1980); Gonçalves (2007); Martelotta (2011); Cunha (2008). Os exemplos que ilustram as construções com *aonde* no estudo aqui proposto são demonstrações que ocorrem facilmente no dia-a-dia baiano. Essas construções podem ocorrer com uma utilização na forma mais conhecida da palavra em análise, como advérbio de lugar (*Aonde* você vai com tanta pressa?), ou acontecem num sentido metafórico, expressando um processo de mais gramaticalização, sendo, portanto, advérbio de negação (– Cláudia é a mais bonita da turma./ – *Aonde*!?!), evento que nos propomos a estudar. Nesse contexto, pudemos constatar que sua utilização o apresenta também como elemento polissêmico, ele deixa o seu sentido mais concreto indicador de deslocamento e se apropria de um sentido extremamente abstrato.

2. Apontamentos sobre estudos de gramaticalização

De grosso modo, o termo gramaticalização, refere-se a um modo especial de mudança linguística, a saber, um dos mais comuns fenômenos de mudança. Trata-se de um processo que “revela-se em instâncias

diversas, como morfologia, fonologia, semântica e sintaxe” (GONÇALVES, 2007, p. 31).

Compreender e admitir processos de gramaticalização torna-se possível a partir da existência de escolas da linguística que se interessam pela língua em uso, observa os fenômenos de variação e mudança linguísticas, o falante e o ouvinte concretos em suas variadas interações, entre outros elementos. Há, nesta perspectiva, interesse pela fala e pelo discurso.

Segundo Gonçalves (2007) não há consenso entre os estudiosos quanto à definição do processo de gramaticalização. Há, no entanto, a concepção inicial de gramaticalização, bastante difundida, referente à aquisição gradual de propriedades de formas gramaticais por uma unidade linguística ou de ampliação de sua gramaticalidade, caso já tenha estatuto gramatical.

A percepção da constante renovação linguística cede lugar ao questionamento sobre a pertinência de uma gramática dada a priori, portanto, fixa, e abre espaço para o que se vem chamando de “gramática emergente”. Nesse sentido, há uma constante gramaticalização relacionada ao uso da língua pelos falantes reais. Para Martelotta (2011, p. 26):

A gramaticalização é uma manifestação do aspecto não estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, nunca estão devidamente estruturadas.

Segundo Gonçalves (2007), é possível classificar os linguistas que pesquisam gramaticalização em função do tipo de trabalho ou método adotado em seus estudos, embora essa classificação não seja tão fácil em função da complexidade dos fenômenos. Nesse sentido, a gramaticalização pode ser considerada “processo” ou “paradigma” e, ainda, diacrônica ou sincrônica. É considerada como paradigma caso esta seja observada em um estudo linguístico que busca enfatizar a maneira como formas e construções gramaticais surgem e como são usadas. Por outro lado, se determinado estudo da língua, buscar enfatizar e avaliar elementos que se tornam mais gramaticais, a gramaticalização é considerada processo.

Ainda, se o estudo objetivar a explicação sobre as maneiras de surgimento e desenvolvimento das formas gramaticais na língua, trata-se de uma perspectiva diacrônica de estudo da gramaticalização. Se, de outra forma, o objetivo consistir na identificação de graus de gramaticalida-

de apresentados por um item linguístico em uma abordagem discursivo-pragmática, trata-se de uma perspectiva diacrônica.

Quanto aos mecanismos que provocam a gramaticalização, não existe consenso entre os estudiosos. Gonçalves (2007) cita as diferentes perspectivas de Heine (1994), os quais enfatizam a transferência metafórica, e Lehmann (1991), o qual aborda a importância da analogia na gramaticalização e sua influência na maneira como tal processo se difunde na língua.

Para o próprio Gonçalves (2007), há vários níveis no processo de gramaticalização, nos quais a metáfora desempenha um importante papel. Assim, no nível cognitivo, há a tendência de partir do uso de itens mais concretos para itens mais abstratos. No nível pragmático, no qual percebe-se um propósito comunicativo de facilitar o entendimento do ouvinte, o falante busca usar termos conhecidos por seu interlocutor, a fim de tornar inteligível o significado novo que o mesmo deseja expressar. Quanto ao nível semântico, há o pressuposto de que o falante e o ouvinte conhecem o sentido original do léxico envolvido na mudança, a fim de que não haja risco de não compreensão por parte do ouvinte. No nível sintático, acontece gramaticalização em contextos que a propiciam.

A partir da percepção desses níveis de gramaticalização, torna-se possível afirmar que esta ocorre através de mecanismos preponderantemente metafóricos e metonímicos. De acordo com Martelotta (1996, p. 29):

A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual, conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais fácil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

A partir deste ponto passaremos a análises de frases com o *aonde*, com exemplos de uso mais conhecidos e aceitos pela gramática prescritiva, assim como de usos inovadores comuns na fala de baianos. De acordo com o exposto anteriormente, trata-se de um estudo de gramaticalização considerado processo e sincrônico.

3. *Aonde, advérbio de lugar e de negação: exemplos da fala baiana*

As palavras são originariamente polissêmicas. Elas permitem a língua caracterizar um item lexical com uma diversidade de significados

que mantêm uma relação entre si. Essa polissemia dá ao usuário uma criatividade linguística natural e necessária.

A diversidade de sentido que as palavras podem apresentar possibilita às pessoas utilizarem-nas de maneira variada trazendo para a língua uma riqueza de sentido, comprovando a cada vez que ela (a língua) é um fenômeno heterogêneo, possui múltiplas formas de manifestação, é variável, portanto está suscetível a mudanças que se apresentam a partir de práticas históricas e sociais e essas variações e mudanças se apresentam em situações concretas de uso.

É, portanto, com a concepção de linguagem baseada no uso que, neste trabalho, analisamos a palavra “*aonde*” a partir de transcrições de falas de alguns baianos, já que se sabe também, que a língua se apresenta diferentemente a partir da região em que ela é utilizada.

A gramática tradicional classifica o advérbio de forma geral como um modificador do verbo. Além disso, há os advérbios denominados de intensidade que podem intensificar o sentido de um adjetivo e de um outro advérbio, como no exemplo abaixo:

- Fui bem na prova, *muito bem!*
- Os turistas ainda estavam *bem longe*.

Segundo Cunha; Cintra (2008), os advérbios são classificados de acordo com a circunstância ou sentido que veicula. E locução adverbial é o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. As locuções adverbiais formam-se por associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio. É o caso da palavra *aonde* que para se gramaticalizar, passou por alguns processos.

Svorou (1993) citado por Poggio (2002) observa que as características morfossintáticas dos morfemas linguísticos espaciais variam ao longo de um *continuum* de fusão. Assim, para se analisar o percurso do *aonde* há que se buscar a gramaticalização da preposição *a* através do processo de *morfologização*, ou seja, a junção de elementos de várias classes gramaticais ou de uma mesma classe e a autora observa três estágios. O primeiro, há o estágio em que encontramos os elementos *entrelaçados* (*embraced*), o morfema linguístico espacial e seu complemento formam unidades fonológicas independentes – *a onde* –; o segundo é o da *aglutinação* (*agglutinated*), quando os morfemas se unem mas são identificáveis em contextos fonológicos – *aonde* –; e o último estágio

fundido (*fused*) quando os morfemas afixados estão sujeitos à alteração fonológica a partir da raiz.

A presente proposta pretende demonstrar como o *aonde*, que inicialmente é classificado como advérbio de lugar, indicador de movimento, assume o sentido de advérbio de negação bastante comum na fala do baiano. Vale destacar que esta ideia contraria a classificação comum dos advérbios, a qual apontam apenas o *não* como advérbio de negação.

Ao baiano é atribuído comumente o caráter inovador, inclusive na forma de utilizar a língua, não à toa existe o termo baianês para se referir ao modo peculiar dos baianos falarem, sobretudo informalmente. Ele é inovador, as palavras em seu contexto ganham significados diversos e interessantes, isto pode ser comprovado a partir da análise feita com a palavra *aonde*, que em sua origem classifica-se como um advérbio de lugar trazendo a ideia de que há um movimento.

Aonde é uma palavra que se liga aos verbos que indicam o movimento que o locutor efetua em relação à figura exterior a ele (o lugar). Sendo assim, esse movimento é constatado quando sai de um ponto de partida, percorre um *trajector* e alcança uma meta. No enunciado “*Aonde você vai?*”, *aonde* assume a característica mais concreta de sua existência que é sair em direção a algum lugar, logo, há a necessidade de se deslocar e seguir um *trajector* (percurso); temos um sujeito “você”, que realiza um movimento em relação ao lugar desejado. Há aí uma caracterização de *aonde* como um advérbio de movimento indicador de lugar.

Essas são as únicas atribuições do termo *aonde* presentes na gramática tradicional. No entanto, a utilização da língua por falantes baianos nos apresenta outro modo bastante difundido e compreendido por falantes de variadas idades, classes sociais ou com diferentes níveis de escolaridade, conforme muito provavelmente poderia ser confirmado em um estudo mais amplo na Bahia, o que extrapola os limites do trabalho ora apresentado. É o que podemos observar no diálogo abaixo:

– Salvador não é uma cidade muito interessante!

– *Aonde!!!?*

Aonde assume um sentido diferente, pois agora é utilizado metaforicamente para negar. O valor atribuído a palavra é metafórico, pois há uma extensão semântica do item lexical “*aonde*”. Ele deixa de ser um advérbio de movimento, de lugar, para se tornar um advérbio de negação, o que o faz se tornar mais gramaticalizado. O uso metafórico da palavra

em análise envolve domínios cognitivos, ou seja, domínios da experiência do mundo, que permitem que esse léxico “*aonde*” seja aceito plenamente nesse contexto e em outros, como no exemplo abaixo:

Joana disse que amanhã vai chegar mais cedo.

– *Aonde*?!!! Do jeito que ela é...

Neste exemplo, percebe-se também o sentido de negação que o *aonde* se apropria havendo um processo de mais gramaticalização, pois de um advérbio de lugar – seu sentido primário – passa a um advérbio de negação. Podemos constatar que o *aonde* perde seu sentido concreto de deslocamento, portanto, de acompanhar um verbo de movimento para se entregar a um sentido mais abstrato, um sentido metafórico.

O *aonde* pode, também, funcionar como advérbio modalizador, pois expressa a validade do enunciado ou a avaliação do próprio falante. Em verdade, este tipo de advérbio atua sobre o significado de todo enunciado de forma a expressar a maneira como o enunciador se posiciona a respeito do que fala ou escreve. Assim, pode-se compreender que o próprio enunciador da oração deixa claro que não vai perder a noite a troco de nada.

"*Aonde* que eu vou deixar de ficar em casa pra perder noite à toa"

Há que se considerar ainda que, embora a gramática procure estabelecer diferenças entre o advérbio onde – lugar em que – e *aonde* – lugar a que, encontra-se no uso coloquial o emprego de uma forma como podemos observar a partir dos exemplos abaixo:

Aonde você estava? ou *Onde* você vai?

- *Onde* você mora?

- *Aonde*?

Vê-se, portanto, que além de acompanhar verbos indicadores de deslocamento, concretamente expressando seu sentido inicial e indicar negação dependendo do contexto em que é utilizado, o item lexical *aonde* também pode ser encontrado na fala baiana em substituição do item *onde*, que indica um lugar específico, o lugar em que.

4. Considerações finais

Vimos com esta análise sincrônica que *aonde* traz a ideia de que há um movimento, seja no uso mais concreto ou nas extensões metafóricas, polissêmicas que ele apresenta.

Analisando as construções acima, pudemos constatar que os sentidos dados ao *aonde* são compreendidos a partir do momento em que o consideramos uma palavra polissêmica, valendo-nos das ideias de Lakoff e Johnson (1980), quando apontam que uma análise polissêmica, conseqüentemente, é uma análise metafórica. E essa polissemia que reside nesse item lexical possibilita uma ampliação no seu uso, nos variados contextos discursivos, permitindo que apresente diversos significados, desde o ato concreto de indicar um movimento de alguém em direção a algum lugar, até o de negar alguma situação exposta na oração anterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. de Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE; Sebastião Josué; CEZARIO; Maria Maura. Os paradigmas da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE; Sebastião Josué; CEZARIO; Maria Maura (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Uma abordagem funcional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Grupo de Estudos Discurso & Gramática: Rio de Janeiro, 1996, p. 24-40. Disponível em: http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf. Acesso em: 22/07/2011.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português*. Uma abordagem funcionalista. Salvador: Edufba, 2002.